

Uma libra de carne

Venus Brasileira Couy*

RESUMO

O texto aborda o estatuto do corpo. Para Lacan não se trata de um corpo mortificado pelo significante, mas um corpo vivo, corpo que goza e o objeto *a*, a libra de carne que se deve pagar a fim de se constituir como sujeito. O sujeito nos apresenta a forma de tratar o corpo que lhe é estranho e do qual não é senhor: seriam as modificações corporais, a tatuagem, a escarificação, entre outras, uma tentativa de cunhar um corpo impossível?

ABSTRACT

The text approaches the statute of the body. For Lacan one is not about a body died for the significant, but an alive body, body that enjoys. The object it would be the meat pound that must be payed to consist as subject. The subject that presents the form to deal with the body that it is strange, which is not Sir: the corporal modifications, the tattooing, the branding, among others, would be an attempt of minting an impossible body?

PALAVRAS CHAVE: corpo, gozo, objeto *a*, modificações corporais, tatuagem, escrita

KEYWORDS: body, joy, object *a*, corporal modifications, tatoo, writting

*Talvez a golpes de mutilações, eu quase
chegaria, daqui a uma quinzena de
gerações, a me figurar entre os passantes.
Beckett*

Uma abastada dama de nome Pórcia, Pórcia de Belmonte. Um jovem veneziano chamado Bassânio. Um próspero mercador, Antônio. Um judeu usurário, Shylock. Estamos diante das principais *dramatis personae* de “O mercador de Veneza”, peça teatral composta em cinco atos por William Shakespeare.¹

Imbuído em conquistar o coração de Pórcia, que vivia cercada de pretendentes, Bassânio, antes de partir para Belmonte, não vê outra saída senão

*Venus Brasileira Couy é Doutoranda em Ciência da Literatura da UFRJ. Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado intitulada “Escritas do corpo” do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ (2006). A autora publicou, entre outros livros, *Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafito de banheiro* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005) e *Inverno de baunilha* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004).

¹ SHAKESPEARE, 1989.

recorrer ao seu melhor amigo, Antonio, e pedir-lhe que faça um empréstimo ao judeu Shylock – três mil ducados é o valor do montante. Shyloch consente em fazer o empréstimo sem juros, desde que o mercador esteja de acordo com as cláusulas do contrato, no qual estaria disposto que, se não fosse pago, teria o direito de exigir uma libra de carne que seria cortada de qualquer parte do corpo de Antonio, à escolha do credor:

Pois desejo provar-vos esta generosidade. Vinde comigo a um notário, lá assinaréis simplesmente uma caução. E será estipulado que, se não pagardes em tal dia, em tal lugar, a soma ou as somas combinadas, a penalidade consistirá numa libra exata de vossa bela carne, que poderá ser escolhida e cortada de não importa que parte de vosso corpo que for de meu agrado.²

Ao apropriar-se do adágio de Napoleão, Freud certa vez disse que “a anatomia é o destino”, dirá Lacan, mais tarde, que “o corte é o destino”.³ Se se tem que pagar um preço, uma libra de carne é “o que o ser falante paga para se constituir como sujeito.”⁴ O que é a libra de carne? Poderíamos dizer que é o resto⁵, o objeto *a*, produto inassimilável, resultado do corte simbólico que engendrou o sujeito – “O lugar do objeto *a* é do lado do sujeito. (...) Não se trata do corpo mortificado pelo significante, mas do que há de vivo no corpo, o gozo, (...) gozo que não cede (...). Cada sujeito gozará do objeto de forma singular.”⁶

Deformar, fazer incisões, pintar, enxertar, cortar, furar, queimar, escarificar, tatuar-se. Modificações corporais que buscam novas referências para o corpo? Poderíamos pensar as modificações corporais como um exercício de bricolagem⁷

² Ibidem, p. 450.

³ PENEDA, [s.d.].

<http://members.tripos.com/jmpeneda/cartaact/objetoa.htm>.

⁴ Ibidem.

⁵ LACAN, 2005. p. 139.

⁶ BUSTAMANTE, 2006. p. 2.

⁷ LIMA. In: MATTOS e MEZÊNCIO (orgs.), 2004. p. 31.

do sujeito? Busca de pertencimento a um grupo, procura de um laço social? Rito de passagem, de iniciação? Tentativa de cunhar um corpo impossível? “Tomada de posse do corpo através da inscrição de uma marca própria”⁸, busca por uma diferença, tornando, assim, próprio aquilo que lhe é mais impróprio? E, se como assinalou Lyotard, “for ‘próprio’ do homem ser habitado pelo inumano?”⁹

Fazer *semblant*, isso sabe a tatuagem fazer. Escrita que sulca o corpo, rasura a pele e estampa ali sua marca indelével, a tatuagem – chamada de “grafito corporal”¹⁰ – constitui-se como insígnia da singularidade e do coletivo, do mesmo e do outro. “Tapeçarias da pele”¹¹, a tatuagem é chamada a dar-se a ver e se coloca frente ao olhar do Outro. Para além de uma escrita sulcada sobre a pele que se faz pergaminho, poderíamos pensá-la ainda como um quadro semovente, ou ainda “quadro vivo”, que imprime movimentos, lentos, bruscos, rápidos e coloca o sujeito frente ao olhar e ao corpo do Outro:

Levi-Strauss faz referência às ‘tapeçarias da pele’ quando fala da questão da superfície, não como um lugar de incisão senão em relação à tatuagem e à representação. Para isto toma como exemplo a tatuagem das mulheres abíponas do Paraguai que têm ‘seus rostos, peitos e braços cobertos de figuras negras de diferentes tamanhos oferecendo o aspecto de um tapete turco (...) mais belas que a beleza em si mesma’. Em vez de representar a imagem de um rosto deformado, deformam efetivamente um rosto verdadeiro.¹²

Assim, ainda que transformemos nosso corpo num palco a céu aberto como faz Orlan, ainda que fechemos nossas costas com tatuagens multicores, ainda que furemos nosso corpo exaustivamente com *piercings* e o queimemos

Celso Rennó Lima faz menção em seu trabalho ao termo “bricolagem inventiva”, cunhado pelo antropólogo francês David Le Breton, que assinala: “ ‘entre o homem e seu corpo há um jogo no duplo sentido do termo. De maneira artesanal, milhões de indivíduos fazem-se *bricoleurs* inventivos e incansáveis de uma marca própria. ’ ” p. 31.

⁸ Ibidem, p. 31.

⁹ LYOTARD, 1997. p. 10.

¹⁰ REISFELD, 2005. p. 159.

¹¹ LOMBROSO apud GROSSO e ROSCONI, 1995. p. 6.

¹² GROSSO e ROSCONI, 1995. p. 6.

voluntariamente à moda *branding*, ainda que o perfuremos, nele introduzindo pequenos aros, lanças e argolas, ainda que o escarifiquemos, provocando cicatrizes indeléveis, ainda que o modifiquemos substancialmente com avançadas técnicas cirúrgicas ou untemo-lo com cosméticos de ponta, ainda assim, ao contrário do que apregoava Mac Luhan, o corpo não se edificará como nossa morada e não nos tornaremos tampouco senhores de seu castelo:

Nossos corpos não são tão nossos assim, e o trabalho de apropriar-se, habitar, incorporar, tornar nosso o corpo próprio, trabalho iniciado na primeira infância, desdobra-se nas infinitas vicissitudes de um processo que só termina na morte. Nossos corpos são sempre alheios, sempre demasiados, sempre insuficientes. Isso não é curável, não é um problema a ser lamentado ou sanado, é a própria marca constitutiva de nossa corporalidade.¹³

No entanto, sabemos que “o corpo não é talvez, nada mais, diz Lacan, que o objeto pequeno *a*, esse resto que o fogo do amor não queima mais.”¹⁴ Então, o corpo continua lá... como os pequenos pedaços de carvão que resistem ao desaparecimento.

¹³ PORTINARI. In: CASTILHO e GALVÃO (orgs.), 2002. p. 141.

¹⁴ LEMOINE-LUCCIONI, 1983. p. 142. Trad. nossa.

Referências bibliográficas e notas

Agradeço a Profa. Ana Maria de Alencar as indicações teóricas e bibliográficas, a Alessandra Bustamante a interlocução com a psicanálise e a Ana Maria Portugal, o franqueamento de sua biblioteca, tornando possível a elaboração deste artigo.

BUSTAMANTE, Alessandra. A angústia como meio de acesso ao real na clínica. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2006. Trabalho apresentado na Jornada de Cartéis da EBP, em 11 de março de 2006. (Texto inédito)

GROSSO, Mabel L. e ROSCONI, Stella Maria. O corpo como quadro na tatuagem. *Agente*. Bahia: Escola Brasileira de Psicanálise, ano 1, n. 3, p. 6., maio 1995.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LEMOINE-LUCCIONI, Eugénie. *La robe – essai psychanalytique sur le vêtement*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

LIMA, Celso Rennó. A letra no corpo. In: MATTOS, Cristiana Pittella de; MEZÊNCIO, Márcia de Souza (Orgs.). *Jovens em análise: o encontro com o sexo, as marcas no corpo, os modos de vida*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, pp. 31-3, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *O inumano – considerações sobre o tempo*. 2. ed. Trad. Ana Cristina Seabra e Elizabete Alexandre. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PENEDA, João. Conceito de objeto a em Lacan. Carta ACF.

Disponível em: <http://members.tripod.com>

Acesso em: 29 maio 2006.

PORTINARI, Denise. A última fronteira: repensando o corpo na contemporaneidade. In: CASTILHO, Káthia e GALVÃO, Diana (orgs.). *A moda do corpo, o corpo da moda*. São Paulo: Esfera, 2002. pp. 135-49.

REISFELD, Sílvia. *Tatuajes: una mirada psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

SHAKESPEARE, William. *Obra completa*. Nova versão, anotada, de F. Carlos de Almeida, Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S/A, 1989. v. II.